



MUNICÍPIO DO SABUGAL

**Revisão Ordinária da Inventariação da *Capeia Arraiana* no
Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial**

ANEXO I

I. IDENTIFICAÇÃO	02
II. DOCUMENTAÇÃO	18
III. DIREITOS ASSOCIADOS	24
IV. PATRIMÓNIO ASSOCIADO	25

Ficha de Inventário da Capeia Arraiana

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Domínio: Práticas sociais, rituais e eventos festivos (alínea c) do n.º 3 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 139/2009, de 15 de Junho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 149/2015, de 4 de Agosto).

2. Categoria: Rituais colectivos.

3. Denominação: *Capeia Arraiana*.

4. Outras denominações: *Capeia; Corrida; Tourada Raiana; Tourada com forcão*.

5. Contexto tipológico: A *Capeia Arraiana* é uma manifestação tauromáquica específica de algumas freguesias do concelho do Sabugal, singularizada pela lide do touro bravo com o auxílio exclusivo do *Forcão*.

6. Contexto de produção:

6.1. Contexto social:

6.1.1. Comunidade(s):

Actualmente, a prática da *Capeia Arraiana* tem lugar, de forma regular, em 11 das 30* freguesias do concelho do Sabugal: Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia Velha, Alfaiates, Fóios, Nave, Quadrazais (em Quadrazais, sede de freguesia, e no lugar de Ozendo), Rebolosa, Soito, Vale de Espinho, e União das freguesias de Lajeosa e Forcalhos.

* Com a reorganização administrativa do território das freguesias (RATF) a Lei n.º 56/2012, de 8 de Novembro e Lei n.º 11-A/2013, de 28 de Janeiro, o concelho do Sabugal passou a ter 30 freguesias.

Nas sedes de freguesia de Rendo e Vila Boa deixou de se realizar a *Capeia*, mas a tradição continua a ter uma importante presença na memória colectiva destas comunidades.

6.1.2. Grupo(s):

Em cada uma das freguesias onde se pratica actualmente, a organização da *Capeia* está a cargo de um grupo de *Mordomos*, nomeado pela anterior mordomia da *Capeia*. A nomeação dos *Mordomos* para a *Capeia* a realizar no ano seguinte realiza-se no final de cada *Capeia*. O grupo de *Mordomos* é constituído por homens naturais da freguesia, ou nela a residir há longos anos, e a sua dimensão varia muito de local para local e de ano para ano, em função do número de homens aí disponíveis, podendo variar entre um mínimo de dois (número indispensável para pegar às “galhas” do primeiro *Forcão* em cada lide), e cerca de dez homens. Actualmente, dada a rarefacção demográfica das aldeias desde as últimas décadas, os *Mordomos* nomeiam em cada freguesia os “que podem servir”.

6.1.3. Indivíduo(s):

Por tradição, a prática da *Capeia*, isto é a organização do evento que a enquadra e, no contexto da realização desta, a lide do touro mediante o uso do *Forcão*, é exclusivamente masculina e restrita àqueles que contribuíram para a realização da *Capeia*.

De acordo com a tradição, os que participam na *Capeia*, quer os *Mordomos* quer os restantes homens da freguesia que contribuem financeiramente para a sua realização, e que em conjunto são os únicos que podem pegar ao *Forcão*, são sempre rapazes solteiros.

Antigamente participavam na *Capeia* os rapazes que “iam às sortes”, isto é, à inspecção militar. O risco associado a pegar ao *Forcão* determinava que os homens adultos, com família constituída, não se expusessem tanto aos riscos associados à *Capeia*.

No entanto, com o progressivo envelhecimento das populações nas últimas décadas, começaram a participar na *Capeia* também os homens mais velhos, incluindo os casados.

A *Capeia* é ainda restrita aos “homens da terra”, categoria que engloba os homens aí nascidos, homens nascidos fora mas casados com mulheres da povoação, também os descendentes de naturais da terra e que vivem no seu exterior, e os não naturais mas aí a residir há longos anos. Como tal, encontram-se excluídos da lide com *Forcão* os homens sem qualquer relação na rede de parentesco da aldeia, ou que nela não residam há muitos anos. Tal princípio não impede que, mais recentemente, os *Mordomos* não admitam a sua participação na *Capeia*, sendo por vezes deixado “um forcão para os de fora”.

Recentemente, e de forma relativamente regular, incentiva-se os mais jovens com a tradição, escolhendo-se um bezerro mais pequeno, para que os mais miúdos possam fazer a sua própria *Capeia*, e um bezerro maior para os rapazes adolescentes, e até para as raparigas.

A participação na *Capeia* no seu sentido mais amplo, isto é a vivência da prática através da participação no evento que a enquadra, é extensiva a toda a população da comunidade, independentemente do género ou idade, assim como das aldeias vizinhas ou mesmo de fora do concelho.

Trata-se, assim, de uma manifestação cultural que mobiliza toda a comunidade da povoação onde se realiza, bem como parte significativa das povoações vizinhas do concelho do Sabugal, particularmente daquelas em que também se realizam *Capeias*. A *Capeia* abrange todos os grupos sociais e, em rigor, não se pode dizer que alguém da povoação onde se realiza a *Capeia* fique alheio a esta manifestação. Todos os grupos sociais se revêm nela: os mais

novos porque criam a expectativa de mais tarde nela serem os actores principais, isto é, de terem a possibilidade de lidar o touro; os jovens/solteiros, porque eles são os organizadores e os mais directamente envolvidos; os mais velhos porque a vivenciaram ao longo do seu percurso de vida, e, dada a sua experiência, por serem aqueles a que se recorre para assegurar a transmissão dos conhecimentos inerentes à prática.

6.2. Contexto territorial:

6.2.1. Local:

As povoações onde se realiza a *Capeia Arraiana* são: Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia Velha, Alfaiates, Fóios, Forcalhos, Lajeosa, Nave, Ozendo, Quadrazais, Rebolosa, Soito, e Vale de Espinho.

6.2.2. Freguesia:

Actualmente, a prática da *Capeia Arraiana* tem lugar, de forma regular, em 11 das 30 freguesias do concelho do Sabugal: Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia Velha, Alfaiates, Fóios, Nave, Quadrazais, Rebolosa, Soito, Vale de Espinho, e União das freguesias de Lajeosa e Forcalhos.

6.2.3. Município: Sabugal.

6.2.4. Distrito: Guarda.

6.2.5. País: Portugal.

6.2.6. Nuts II: Centro.

6.2.7. Nuts III: Beira Interior Norte.

6.3. Contexto temporal:

6.3.1. Periodicidade:

A *Capeia* é realizada com regularidade anual em cada comunidade.

6.3.2. Data(s):

A *Capeia Arraiana* realiza-se sobretudo durante o mês de Agosto, período em que muitos emigrantes regressam de férias, sendo que a *Capeia* é sem dúvida, nas freguesias do Sabugal em que se realiza, a manifestação cultural mais aguardada e que maior número de pessoas mobiliza.

Nem sempre todas as povoações tiveram data fixa para a realização da *Capeia*. As datas de realização têm evoluído no sentido de haver datas fixas, de modo a não se realizar mais do que uma *Capeia* por dia. Actualmente, as datas de realização são as seguintes:

Aldeia da Ponte: 15 de Agosto;
Aldeia do Bispo: 2.^a Segunda-feira de Agosto;
Aldeia Velha: 25 de Agosto;
Alfaiates: 17 de Agosto;
Fóios: Terça-feira a seguir ao 3.^o Domingo de Agosto;
Forcalhos: 3.^a Segunda-feira de Agosto;
Lageosa: 6 de Agosto;
Nave: 14 de Agosto;
Ozendo: Quarta-feira a seguir ao segundo fim-de-semana de Agosto;
Quadrazais: último fim de semana de Julho ou primeiro de Agosto
Rebolosa: Quarta-feira a seguir ao 1.^o fim-de-semana de Agosto;
Soito: Terça-feira a seguir à 1.^a Sexta-feira de Agosto.
Vale de Espinho: 16 de Agosto

Algumas povoações promovem a realização de *Capeias* noutras épocas do ano, nomeadamente na Passagem de Ano, Carnaval e Páscoa. No entanto, estas *Capeias* não são consideradas localmente como a “verdadeira” *Capeia*, que tem lugar apenas em Agosto, normalmente em associação com as festas patronais.

7. Caracterização:

7.1. Caracterização síntese:

A *Capeia Arraiana* é uma manifestação tauromáquica específica de algumas povoações do concelho do Sabugal próximas da fronteira com Espanha, que se caracteriza e singulariza das demais formas populares de manifestações tauromáquicas, pelo facto de a lide do touro bravo ser efectuada colectivamente, com o recurso do *Forcão*.

A *Capeia* é realizada em Agosto, em associação com a festa patronal de cada comunidade, e, regra geral, tem lugar no largo principal da aldeia, para tal temporariamente vedado. Para além da *Capeia* propriamente dita, isto é a lide do touro com o *Forcão*, constituem componentes públicas da prática o *Encerro* e o *Boi da Prova*, que precedem a *Capeia*, e o *Desencerro*, com o qual ela termina.

7.2. Caracterização desenvolvida:

A *Capeia Arraiana* é uma manifestação tauromáquica específica de algumas povoações do concelho do Sabugal próximas da fronteira com Espanha, que se caracteriza e singulariza das demais formas populares de manifestações tauromáquicas pelo facto de a lide do touro bravo ser efectuada colectivamente, com o recurso do *Forcão*.

Preparação da *Capeia*

A organização de cada *Capeia* tem início com a nomeação do grupo de *Mordomos* que será responsável pela sua organização. Essa nomeação é efectuada no final de cada *Capeia*, que nesse momento designa o grupo de mordomos responsável pela continuação da prática no ano seguinte.

De entre as várias responsabilidades do grupo de *Mordomos* conta-se também o da angariação dos recursos financeiros destinados à realização da prática. Esta angariação de recursos é totalmente independente da preparação das várias componentes da festa religiosa, na sequência da qual tem lugar a *Capeia*. Regra geral, as diferentes festas são asseguradas por mordomias próprias e independentes.

Os recursos financeiros necessários à realização da *Capeia* são constituídos por contribuições fixas para os “solteiros” e variáveis para os “casados”, em função das possibilidades e vontades de cada um, mas também por donativos de outras pessoas da povoação e por apoios solicitados a empresas.

Esses fundos são destinados à promoção da *Capeia* a nível local, por exemplo através da impressão de cartazes a distribuir pelo concelho, mas também à realização das várias actividades que têm lugar por ocasião da *Capeia*, tais como a contratação de grupos musicais e a exploração de bares para animação do arraial que se lhe segue.

Os custos mais significativos a suportar são os relativos ao aluguer dos touros que serão lidados na *Capeia*, actualmente provenientes na sua grande maioria de ganadarias do Alentejo ou do Ribatejo. Meses antes da *Capeia*, os *Mordomos* deslocam-se a essas ganadarias para a selecção dos touros e contratação do seu aluguer. Os touros podem ainda ser provenientes de

ganadarias espanholas, próximas da fronteira com o concelho do Sabugal. Contudo, tal sucede actualmente com menor frequência, tendo-se invertido por completo nas últimas décadas um dos traços da tradição da *Capeia* (vd. campo “Origem/Historial”).

É a utilização de uma estrutura em madeira, o *Forcão*, com a qual se lida o touro, que diferencia a *Capeia* das demais formas populares de manifestações tauromáquicas. Em cada comunidade, o *Forcão* pode ser utilizado nas *Capeias* em anos sucessivos, normalmente dois ou três. Apesar dos cuidados com a sua preservação, através do seu armazenamento num pavilhão agrícola ou outra estrutura para tal disponível, o *Forcão* acaba por deteriorar-se e ser substituído por outro.

Quando tal sucede, a preparação de um novo *Forcão* inicia-se geralmente entre Fevereiro e Março, com a selecção e abatimento do carvalho que constituirá a sua estrutura, assim como, em certos casos, da madeira de pinho utilizada apenas para a “galha”. Como refere Adérito Tavares: “O corte do forcão é anunciado por uma ronda pelas ruas da aldeia, ao som do tambor, convidando novos e velhos a deslocarem-se ao campo em busca de bons troncos de carvalho. Eles podem ser cortados onde bem calhar, e nenhum lavrador se pode queixar se lhe derrubarem um ou dois reboleiros na sua propriedade. Faz parte da tradição. Antigamente a madeira era trazida pelos rapazes, a pulso. Hoje, normalmente, transporta-se num tractor” (Tavares, Adérito, 1985, *A capeia arraiana*, Ed. do Autor, p. 33).

Decorrida a secagem das madeiras, entre Junho e Julho realiza-se a construção do *Forcão*, ao longo de algumas horas ao fim de semana. Em cada *Capeia* está disponível um *Forcão*, ocasionalmente dois, de modo a substituir rapidamente um na eventualidade de fragilizado ou destruído em função de investidas mais fortes dos touros. Quando são utilizados *Forções* construídos em anos anteriores, procede-se sempre à sua rectificação, de modo a assegurar a robustez da estrutura. Também o *Forcão* construído nesse ano é objecto de revisão no próprio dia da *Capeia*, sendo as “galhas” molhadas com água e retesadas as cordas para assegurar que a estrutura se mantém sólida.

Por tradição, a *Capeia Arraiana* realiza-se no largo principal de cada povoação, temporariamente vedado para esse efeito, assim constituindo o *côrro*. Contudo, nas últimas décadas, algumas freguesias criaram recintos fechados usados propositadamente para a *Capeia*, (é o caso do Ozendo, Rebolosa e Vale de Espinho), e duas freguesias do concelho construíram mesmo praças de touros: Aldeia da Ponte (praça construída pela Associação dos Amigos de Aldeia da Ponte) e Soito (Casa da Juventude, Desporto, Cultura e Lazer do Soito, que inclui, presentemente, uma escola de equitação, um picadeiro e a Praça Municipal de Touros). Quadrazais, desde 2013, possui recinto fechado e com bancada para a realização da *Capeia*.

Quando realizada no largo da aldeia, o encerramento do recinto inicia-se dois ou três dias antes da *Capeia*. O *côrro* é constituído por um círculo, actualmente delimitado por estruturas adquiridas em cada povoação para o efeito, ou ainda utilizando atrelados de tractores e, sempre que possível, utilizando as próprias paredes das casas e currais anexos. Raramente se utilizam ainda carros de bois carregados com lenha, que constituíam até há várias décadas o meio fundamental de construção de barreiras contra o touro e de suporte dos espectadores da *Capeia*. Em anexo ao *côrro* improvisa-se um ou dois currais em que são encerrados os animais.

Consoante as povoações, constituem componentes públicas da *Capeia* o *Encerro* e o *Boi da Prova*, que precedem a *Capeia* propriamente dita, e o *Desencerro*, com o qual ela termina. Invariavelmente integra-a também o ritual do *Pedir a Praça*.

O Encerro

O *Encerro* realiza-se logo da parte da manhã e consiste na recolha e encaminhamento dos touros para o curral ou currais preparados junto à praça. A recolha dos animais faz-se actualmente a partir da herdade/lameiro para a qual foram trazidos temporariamente, após o transporte, efectuado dias antes, das ganadarias onde o seu aluguer para o *Encerro* foi contratado. A recolha dos touros é efectuada por cavaleiros com o auxílio de *cabrestos*, (touros castrados) e vacas mansas, utilizadas não apenas para encorajar os touros no seu percurso para a povoação e assegurar o seu encerro no curro, mas também nas próprias *Capeias*, para auxiliar a entrada e a retirada na praça dos touros mais renitentes.

Generalizado até à década de 1970 nas várias comunidades em que se realiza a *Capeia*, o *Encerro* sempre foi considerado como uma das suas componentes mais importantes, pois, para além dos cavaleiros que encaminhavam os touros, também a população acompanhava esse percurso, a pé ou, sempre que possível, a cavalo, ou aguardava com expectativa a entrada da manada na aldeia, desde logo avaliando do número e da qualidade dos touros.

O transporte dos touros, realizado hoje por camião, atempadamente evitando quaisquer perigos de tresmalhamento, desloca actualmente para outro plano a função do *Encerro*, que consistia originalmente no acompanhamento do gado no seu longo percurso desde a fronteira com Espanha. Aquela dimensão de espectacularidade constitui, provavelmente, um dos principais factores da manutenção do *Encerro* em algumas freguesias, atraindo actualmente também muita gente de fora que, a cavalo ou também já em veículos motorizados, participa hoje nos *Encerros*.

O Boi da Prova

A concretização do *Encerro* anuncia-se com foguetes, sendo os touros deixados nos currais até à *Capeia*, que se realizará da parte da tarde. Porém, ao final da manhã (entre as 11h00 e as 13h00) e logo após o *Encerro*, tem lugar o *Boi da Prova*. Esta componente da *Capeia* consiste em “fazer sair” ou “correr” um dos touros para avaliar da qualidade do “curro”, termo que também designa o conjunto dos touros a lidar nesse dia. Para além da dimensão de antevisão da exigência a que os touros sujeitarão os homens da terra da parte da *Capeia* que se lhe atribui, o *Boi da Prova* constitui um momento de entretenimento e de agregação da comunidade na praça, fazendo aumentar a expectativa de todos quantos assistirão à *Capeia*, para a qual se reservam sempre os touros mais fortes.

Uma vez testado o *Boi da Prova*, regressa-se a casa para almoçar em família, ou, no caso dos forasteiros, para almoçar em grupo nos campos limítrofes à povoação, ou nos restaurantes da região.

Pedir a Praça

A *Capectia* tem lugar a meio da tarde, cerca das 17h00, na praça a que entretanto acorreu toda a assistência, acirrando os touros encerrados nos currais antes de se instalar para assistir à prova.

A *Capectia* inicia-se com o ritual do “pedir a praça”, que consiste no pedido de autorização que um dos *Mordomos* efectua para dar início à *Capectia*. Formalmente variável de comunidade para comunidade, o pedido é realizado com a totalidade dos *Mordomos* já presentes na praça, após terem entrado a pé ou a cavalo, munidos ou não de “varas” decoradas ou outras insígnias (bandeiras, espadas, etc.), precedidos ou não de músicos e que desfilam pela praça.

É também variável de comunidade para comunidade o número de deambulações rituais dos *Mordomos* pela praça, assim como a figura a quem é dirigido o pedido ritual para dar início à *Capectia*, podendo ser uma pessoa mais idosa, o presidente da Junta de Freguesia, um dos mordomos do ano anterior, ou qualquer outra pessoa de prestígio, mas regra geral sempre a alguém natural da freguesia.

São ainda variáveis as fórmulas dirigidas ao “dono da praça” na efectuação do pedido, assim como as que este utiliza para conceder autorização para iniciar a *Capectia*, como as seguintes:

Mordomo: “A malta do Soito, representada por esta mocidade, querendo seguir a tradição de conservar as touradas raianas, pede a V. Excelência autorização para iniciar a tourada.”

Resposta, na ocasião o Senhor Presidente da Câmara Municipal do Sabugal: “É com muito prazer e com toda a honra e consideração que dou a licença para que a tourada comece o mais rápido possível... tudo em harmonia em paz e união.” (conforme pedido gravada no programa emitido em 26/08/1984, pela RTP. Ver II - p.14. Filme)

Na descrição de António Pissarra, “O pedido é feito em voz solene a que se segue o discurso inflamado, de quem irá dar a permissão, sobre a importância da tradição e os valores da gente da Raia, pede-se também coragem e valentia, para além de cuidado, de modo a que não aconteça nenhuma tragédia e tudo acabe em bem. Redobram as palmas e agita-se a massa humana na expectativa da emoção que se aproxima.” (Pissarra, António, *Terras do Forcão*, 2003, Ed. Autores, p. 154).

A *Capectia*

Concedida a praça aos *Mordomos*, esta é libertada para a lide do primeiro touro, de entre os cerca de 6 ou 7 que se lidam actualmente em cada *Capectia*.

Até então colocado ao alto junto a uma parede, o *Forcão* é preparado para que os homens da terra “esperem” os touros. O *Forcão*, com um peso de cerca de 300 kg, é erguido por um número variável de homens, entre vinte e trinta, distribuídos de ambos os lados do forcão. Sempre que os lidadores sejam em grande número, ocupa-se também o espaço entre as varas transversais ao *rabicho*.

Os lugares que oferecem menor protecção das investidas do touro e que estão mais expostos ao perigo, e que, como tal, requerem maior coragem, são os da “galha”. No caso do primeiro touro de cada *Capectia*, os mordomos têm invariavelmente o privilégio de pegar às duas

“galhas” do *Forcão*, sendo estas que definem o número mínimo de mordomos exigível para a organização de uma *Capeia*.

De entre os que “pegam ao forcão” tem também particular destaque o “rabiheiro” (ou “rabiador”), isto é, o homem, ou o par de homens que, conjuntamente erguem o “rabicho” do *Forcão* e o direccionam para fazer rodar a estrutura e fazer frente às investidas do touro.

Para além daquelas posições estratégicas, que requerem maior experiência e destreza, usualmente pega-se ao *Forcão* indistintamente, de acordo com a apetência de cada um. A composição de cada grupo de homens que pega ao *Forcão* e que, correspondentemente, corre um determinado touro, não é previamente determinada nem exige uma coordenação prévia dos que compõem esse grupo. Regra geral, e para além da presença indispensável dos *Mordomos* às “galhas” do primeiro *Forcão* da festa, cada grupo constitui-se espontaneamente, em função da vontade de cada um em participar em determinado momento.

Sendo reconhecido que apenas é importante “perder o medo e ter o gosto pelo forcão”, os *Mordomos* avaliam, contudo, a composição requerida por cada grupo de homens em função da maior ou menor corpulência e agressividade de cada touro, impedindo a participação dos mais inexperientes, sempre que necessário.

Após pegar ao *Forcão*, o grupo de homens “espera o touro” sustentando o *Forcão* ao centro da praça, aguardando a abertura do portão e, caso tudo ocorra como desejado, o imediato arremesso do touro contra a estrutura.

De acordo com a posição que cada homem ocupa no *Forcão*, e a altura a que se ergue ou baixa o *Forcão*, assim este é sustentado de forma diferente: agarrado pelas mãos, sustentado pelo antebraço, ou encostado contra a coxa ou o peito. Exerce-se pressão para baixo com as mãos sobre o *Forcão*, assim contrariando as investidas do touro para o soerguer e penetrar por sob a estrutura, e suportam-se os seus embates mantendo uma perna encostada ao *Forcão*, para o suportar, e a outra flectida, como contraforte.

Para além da destreza física de cada homem individualmente considerado, são evidentes a destreza e a coordenação colectiva que implica o manuseamento do *Forcão*, e que se expressa na harmonia com que este é rodado, ou se ergue e baixa em resposta às investidas do touro. Procura-se que este arremeta apenas contra as “galhas”, impedindo-o de as contornar ou de penetrar por debaixo do *Forcão*, o que normalmente força o abandono da estrutura e a procura de refúgio nos espaços para tal previstos aquando da montagem da praça. Não sendo previamente ensaiada, esta coreografia espontânea resulta em simultâneo da condução física dos *rabiheiros*, dos que pegam à “galha” e das vozes de ordem emanadas de uns e de outros.

Todas estas componentes – exposição pública e demonstração de coragem no enfrentamento do touro, de destreza física individual e de participação num esforço colectivo – constituem traços iniciáticos que permanecem na *Capeia* até à actualidade, apesar de esta não ser desde há várias décadas prática exclusiva dos jovens e factor de reconhecimento público da sua maturidade.

O facto de a *Capeia* ser efectuada com o *Forcão* não deve iludir a perigosidade de que se reveste. Com frequência, o touro consegue levantar o *Forcão* ou contorná-lo e, por vezes, os que pegam ao *Forcão*, ou os que saltam para dentro da praça para tentar dominar o touro – saltando-lhe para cima e procurando dominá-lo como numa pega – são colhidos. O mesmo

sucedem, por vezes, depois de arrumado o *Forcão*, quando os homens e os rapazes “brincam” com o touro, provocando-o e, naturalmente, procurando escapar às suas investidas.

Desde muito recentemente os touros têm de se apresentar embolados (protecção de cabedal nas hastas do touro de forma a evitar ferimentos aos “*toureiros*”), e já não em pontas, diminuindo assim o risco de ferimentos graves, o que sucedia no passado, inclusive com desfechos fatais. O facto de os touros utilizados para a *Capeia* serem hoje embolados tem tido como consequência a escolha de touros mais corpulentos.

Sempre que há necessidade de dominar o touro, intervêm também os *capinhas*, toureiros a pé, locais ou provenientes de Espanha, a que Adérito Tavares se refere assim: «Os *capinhas* ou *maletas* são toureiros espanhóis, que andam de terra em terra, sedentos da fama e do proveito das arenas, ganhando experiência nas capeias dos dois lados da raia. Num dos intervalos da corrida, os *capinhas* fazem o seu peditório: “Venga, señores, venga!”. Quase sempre acabam por reunir um bom talego de notas e moedas» (Tavares, Adérito, 1985, *A capeia arraiana*, Ed. do Autor, p. 36).

Após serem corridos todos os touros, normalmente em número de seis ou sete, finaliza a *Capeia* e a assistência desmobiliza para o jantar, em casa ou no arraial, e depois para o baile. Logo após a *Capeia*, em algumas povoações procede-se ao *desencerro*, isto é, à devolução dos cabrestos e dos touros do *Encerro*, novamente conduzidos pelos cavaleiros, mas desta feita sem o acompanhamento da população que se verifica no *Encerro*.

Nos casos em que não se realiza o *desencerro*, os animais são carregados no camião para a sua devolução à ganadaria de que provêm.

É também após a finalização da *Capeia* que os *Mordomos* nomeiam os seus sucessores, que serão responsáveis pela organização da *Capeia* do ano seguinte.

7.3. Manifestações associadas:

Actualmente, a *Capeia Arraiana* é realizada, quase sem excepções, durante um período festivo, normalmente a seguir à festa em honra do patrono de cada aldeia, constituindo o ponto alto e mais emblemático dessas festividades. Mesmo que, por qualquer motivo, não se realizem os festejos religiosos, a *Capeia* realiza-se sempre. Para identificação destas festas deve ser consultado, no Anexo II, o Quadro “Sabugal – Locais de Realização da *Capeia* Arraiana em 2010” (Anexo II/5-17), e o Quadro “Sabugal – Locais de Realização da *Capeia* Arraiana em 2019” (Anexo II/5-18)

Originalmente, a prática da *Capeia* tinha lugar no próprio dia da festa patronal da comunidade, na parte da tarde e na sequência das celebrações religiosas. Contudo, veio a ser deslocada geralmente para o dia seguinte, o que sucedeu, muito provavelmente, por acção da Igreja, como o revela a pastoral emitida em 25 de Julho de 1884 por D. Tomaz Gomes de Almeida, Bispo da Guarda: “Proibimos muito expressamente, por não ser consentâneo com a gravidade do culto e com os sentimentos de piedade que devem animar os fiéis, que por ocasião das solenidades religiosas, antes ou depois delas, se façam dramas ou autos religiosos ou outros espectáculos e divertimentos impróprios e até desumanos e bárbaros.” (Gomes, J. Pinharanda, 1979, *D. Tomaz Gomes de Almeida, Bispo de Angola e da Guarda (Obra Pastoral)*, in, Memórias de Riba Coa e da Beira Serra -3-, Braga, editora pax, p. 94)

Nas povoações em que não há festividades religiosas (por exemplo no Soito), a *Capeia* realiza-se no último dia das festividades profanas (“festas civis”) e que consistem, entre outras actividades, em garraíadas, largadas de touros, jogos tradicionais, concertos musicais, com bailes, etc.

8. Contexto de transmissão:

8.1. Estado:

A tradição está **activa** nas seguintes freguesias do concelho do Sabugal: Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia Velha, Alfaiates, Fóios, Nave, Quadrazais, Rebolosa, Soito, Vale de Espinho, e União das freguesias de Lajeosa e Forcalhos.

A tradição está **inactiva** nas seguintes sedes de freguesia do concelho do Sabugal: Rendo e Vila Boa.

8.2. Descrição:

Actualmente a *Capeia Arraiana* é praticada em 11 das 30 freguesias do concelho do Sabugal e a sua vivência é um inquestionável factor identitário das povoações fronteiriças, para além de ocupar um lugar fundamental na memória colectiva destas comunidades, incluindo as 2 sedes de freguesia (Rendo e Vila Boa) em que a *Capeia* já não se realiza. É uma tradição popular amplamente reconhecida na região de Ribas de Côa como elemento identitário das comunidades em que se pratica.

Têm acesso à *Capeia*, para assistirem à sua realização, e por vezes também para nela participarem, não apenas os naturais da povoação, mas também as pessoas das aldeias vizinhas, de outros concelhos, e muitos espanhóis, sobretudo da zona da raia, onde não existe tradição da corrida do touro com *Forcão*. A *Capeia* constitui o mais forte elo de ligação entre os naturais de cada comunidade, não apenas os residentes, mas também os que emigraram para o estrangeiro e os que residem em território nacional, longe da sua terra, e que aí regressam para assistirem e participarem na *Capeia*. Esta tradição, constitui, em cada comunidade, a prática popular que envolve a participação de mais gente, e é também aquela que mais forasteiros atrai a esse local.

Tradição enraizada na população, a *Capeia* é realizada todos os anos, sendo organizada pelos *Mordomos* nomeados no ano anterior, num rito de passagem por princípio destinado apenas aos rapazes solteiros. Os jovens que são mordomos pela primeira vez passam para o mundo dos adultos. O fim da adolescência é ritualizado pela designação para a mordomia. Por outro lado, desta forma, todos os elementos da comunidade alargada (que inclui os que não residem na povoação) participam da tradição e a ela ficam vinculados com o orgulho de também eles já terem servido a festa e respeitarem os que agora servem, porque eles também já passaram por isso.

Toda a comunidade participa na *Capeia*, na organização, na logística, na montagem da praça, na feitura das *calampeiras* (lugares cimeiros que envolvem o *côrro* onde se realizam as *Capeias*, nos quais a assistência toma lugar), ou simplesmente para assistir.

8.3. Modo(s):

A transmissão de todos os conhecimentos é feita exclusivamente pela via oral, quer em contexto informal de sociabilidade, em conversas sobre a tradição, quer em contexto mais formal, de procura de informação por parte dos mais jovens junto dos mais velhos, quanto ao modo como se deve pegar ao *Forcão*, qual a postura corporal a adoptar para que o *Forcão* faça frente às investidas do touro, como deve ser pedida a praça, ritual variável de freguesia para freguesia, etc. Naturalmente, a observação do desenrolar das próprias *Capectias* tem um lugar importante na aprendizagem de todas estas componentes da tradição. A aprendizagem do modo de pegar ao *Forcão* inicia-se desde a infância e a primeira juventude, com a possibilidade de participação em “esperas” de bezerras e vacas.

No caso do “rabiheiro” ou “rabiador”, que orienta e ergue a vara disposta transversalmente sobre a base do *Forcão*, como se de um leme se tratasse, esse papel é passado dos mais velhos para os mais novos, que adquirem experiência ao seu lado, coadjuvando-o nessa função.

8.4. Agente(s):

Todos os homens de cada comunidade devem ser considerados como agentes de transmissão da tradição. Contudo, de entre esses deve ser destacado o papel desempenhado pelos homens mais velhos e pelos *Mordomos* das *Capectias* de anos anteriores.

Todos os conhecimentos tradicionais envolvidos na realização da *Capectia* são passados de geração em geração, dos homens mais velhos para os mais novos. A aprendizagem faz-se, não apenas desde o fim da adolescência, mas também desde a infância. A transmissão intergeracional abrange não apenas os naturais e residentes em cada localidade, mas também os seus descendentes e familiares que residem fora, mas que fazem parte da comunidade alargada, através de laços de parentesco, e que participam na realização da *Capectia* dessa localidade.

Actualmente, a participação dos homens na *Capectia* é, como sempre foi no passado, voluntária, ainda que, “por tradição” se revista da dimensão ritual de prática destinada por princípio aos rapazes solteiros.

8.5: Idioma: Português.

9. Origem/historial:

A *Capeia Arraiana* é uma tradição de origem indeterminável apenas com recurso à tradição oral e à memória colectiva das comunidades do concelho, segundo a qual sempre se conheceu a *Capeia* nas aldeias onde se pratica actualmente e não há memória de não ter sido praticada.

Da pesquisa bibliográfica que se efectuou para a elaboração do presente pedido resultou que a referência mais antiga encontrada foi a de Abel Botelho no livro *Mulheres da Beira*, que tem incluso o conto “Uma Corrida de Toiros no Sabugal”, escrito em 1886. Nos finais do séc. XIX e princípios do séc. XX, Joaquim Manuel Correia (1893) e J. Leite de Vasconcellos também referem a *Capeia*, com utilização do *Forcão* como tradição do concelho do Sabugal.

Joaquim Manuel Correia, (1946, *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*, p. 212), relativamente a Quadrazais descreve deste modo as corridas dos touros:

«É um fraco, ou, melhor diremos, um forte dos Quadrazenhos a corrida do touro, outrora no dia da festa, hoje noutro dia, depois que o Bispo D. Tomaz, proibiu as corridas nos dias de festas.

O sistema de correr o touro é, como nas outras terras, com forcão, garrochas e garrochões. Na arena estão os moços com o forcão, todos ligados uns aos outros por cintas para, se algum cair, os outros o arrastarem e livrarem do perigo. Lenços bordados pelas núbias (noivas) alvejam nas algibeiras das jaquetas. Uns sem jaquetas, e bem ligados pelas cintas, ramos de mangerico na orelha, outros de lenços encarnados nos bolsos, gritam, esperam que o touro saia.

As raparigas dão ais, umas chamam pelos irmãos, outras pelos maridos; mães aflitas lamentam que os filhos lhes desobedeçam; mas tudo isso passa despercebido em meio de milhares de vozes, assobios e gritaria enorme.

Sai o touro, investe com o forcão, mas o rabeador ou rabichador, alto, valente, entendido, evita que os ataque pelos flancos, no que é auxiliado pelos dois dos lados, os das galhas, e outros, munidos de garrochões e massas, que fazem recuar o touro no seu ímpeto formidável.

(...)

é prova de valentia e ai daquele que se recusa, que é homem perdido para os outros, homem desprezado pelas raparigas. É a regra em Quadrazais e noutras povoações.»

São variáveis, segundo os diversos autores, as origens que se atribuem à *Capeia*, remontando para uns a muitos séculos atrás, e para outros, entre os quais Adérito Tavares, apenas à segunda metade do séc. XIX.

Segundo este autor, a prática da *Capeia* no concelho do Sabugal deve ser entendida no âmbito de afinidades culturais entre a região de Riba-Côa e a região próxima de Castilla y León, fundadas não apenas na proximidade física, mas também nos contactos entre as populações, nomeadamente por via do contrabando, e que fomentaram semelhanças no «linguajar, no vestuário e nos costumes. A própria *capeia* nasceu desta vizinhança. A palavra vem do castelhano *capea* e relaciona-se com o acto de *capear* ou iludir o touro com uma *capa*.

A vizinha província espanhola de Salamanca é terra de grandes ganadarias: nas devesas e pradarias estremenas e castelhanas criam-se alguns dos melhores touros de Espanha. Por outro lado, nas aldeias espanholas situadas junto da fronteira sabugalense, como Navas Frias, Casillas de Flores, Alberguería de Arganán e Fuenteguinaldo realizam-se capeias populares desde há muito, [sem utilização do *Forcão*] utilizando gado bravo criado na região. Como era frequente alguns dos animais atravessarem a raia e provocarem danos nos lameiros, batatais e hortas do lado de cá da fronteira, alguns dos ganadeiros espanhóis começaram a “pagar” os prejuízos cedendo gratuitamente algumas vacas bravas, por um dia. Fazia-se, assim, uma “capeia”. As primeiras capeias arraianas começaram, portanto, nos últimos decénios do século passado. Pouco a pouco, o hábito foi-se enraizando, de aldeia em aldeia. Muitos contrabandistas eram hábeis cavaleiros e auxiliavam os vaqueiros espanhóis a trazer o gado, por veredas e atalhos. O contrabandista falava bem o castelhano e tinha facilidade em criar amizades. A sua intervenção era quase sempre decisiva para conseguir a cedência dos animais destinados à capeia.

A partir dos anos 20, o gado tornou-se mais difícil de obter, devido a problemas de ordem fiscal e de ordem sanitária. Alturas houve em que se chegavam a “roubar” temporariamente em Espanha algumas vacas durante a noite e se traziam, sabe Deus como, para o lado de cá. Os conflitos foram tantos e tão graves que chegaram a ser objecto de intervenções a nível diplomático. Todavia, a partir do final da guerra civil de Espanha (1939), as autoridades de fiscalização fronteiriça começaram primeiro por “fechar os olhos” e, depois, a conceder uma autorização informal para a vinda temporária do gado às aldeias raianas. Nos últimos 60 ou 70 anos, o curro, constituído preferentemente por touros, passou a ser pago. Das cinco ou dez mil pesetas dos anos 50 chegou-se, na actualidade, à bonita soma de quase 2 milhões de pesetas. Perto de 2 400 contos pela utilização de 7 ou 8 animais, durante um dia. Todo este dinheiro é angariado entre a população pelos *mordomos*, dois jovens nomeados anualmente.» (Tavares, Adérito, 2001, “*A tauromaquia popular na raia do Sabugal*”, in *Congresso do 7º Centenário do Foral – Sabugal. Actas*, Sabugal, Câmara Municipal do Sabugal, pp. 89-96).

Do mesmo modo, também Ernesto Veiga de Oliveira considera a *Capeia* como uma tradição característica da «região de Riba-Côa, que corresponde aproximadamente ao concelho do Sabugal», e relaciona a sua origem com o «costume antigo [de os touros virem] de Espanha, das aldeias vizinhas, cedidos gratuitamente em contrapartida da renúncia, por parte dos lavradores portugueses proprietários de terras na raia, a quaisquer reclamações contra os estragos que os gados espanhóis ali fazem nas suas searas» (Oliveira, Ernesto Veiga de, 1984, “*Tourada em Forcalhos*”, *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 263, 264).

Da evolução que a tradição da *Capeia* tem conhecido ao longo do século XX deve ser destacado o progressivo desaparecimento dos maus-tratos outrora infligidos ao touro, sendo actualmente interdito o uso de quaisquer varas ou agulhões destinados a enfurecer o touro e a provar a valentia dos que o toureiam. Como exemplos desses maus tratos de outros tempos ficam as seguintes referências:

«**Corrida do Touro (Vila Boa):** Não podia esta povoação escapar à influência dos vizinhos no que toca à selvática corrida do touro, e dizemos touro, porque nunca se corre mais do que um, cujo dono recebe 5.000 réis por cada corrida, a que chamam folguedo. A corrida é sempre ao forcão e vara larga ou garrocha, como em toda a raia lhe chamam, garrochões e maças.

O corro (curro) é feito num largo da povoação, tapando com carros cheios de lenha, tábuas e paus, as ruas que ali desembocam, o que parece uma barricada, sobrepujada depois pelo povo que se encarapita ali, armado de paus, de varas, foieiros, berrando, assobiando... As mulheres descompõem os maridos e ameaçam os filhos que vão tomar parte na corrida, choram, barafustam, numa gritaria infernal.

Os do forcão, ligados uns aos outros com as cintas, seguram o madeiro e esperam a investida do touro mal é aberta a porta da loja (assim chamam ao curral) onde o bicho está. Às vezes põe tudo em debandada, mas geralmente é vencido pelos grossos ferros dos garrochões empunhados pelos mais valentes que ladeiam a frente do forcão.

O rabeador, como quem diz o chefe da quadrilha, regula os movimentos, desvia o forcão, de modo a evitar que a fera ataque pelos flancos, o que seria uma fatalidade. É por isso sempre um homem alto, vigoroso e possante, dotado de coragem e, como todos os outros, capaz de afrontar o perigo.

Os das garrochas cravam-lhe ferros e, quando o touro corre vertiginosamente, furioso, em busca de vingança, outros o ferem de novo. Avança para o forcão, mas este evita-lhe as investidas, e no focinho e peito penetram-lhe os grossos ferros dos garrochões, quando lhe não impossibilitam a marcha, inutilizando-lhe as patas. Urra então no meio do côrro, ouvindo a gritaria do povo insaciável de sangue.

O dono protesta, quer retirar o animal, mas o entusiasmo atingiu o auge, os assobios e gritos ensurdecem tudo e a corrida continua. Mas o touro, cada vez mais furioso, procura com o olhar enraivecido o ponto mais fraco e corre e salta, fugindo pelos campos, numa fúria medonha, deixando uns esmagados pelas patas, outros feridos pelas pontas, finas como agulhas. Foi numa dessas fugidas que o touro matou, haverá perto de trinta anos, uma pobre velha, a tia Angela, que nem o nome, nem a repugnância que sempre teve pelas corridas, salvaram ao passar, pacata, despreocupada, por uma rua. Assim acabou uma das últimas corridas a que assistimos em Vila Boa.» (Correia, Joaquim Manuel, 1946, *Terras de Ribacôa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*, p. 282);

«Da parte da tarde tem lugar a corrida propriamente dita. Logo após a refeição do meio-dia, as pessoas começam a afluir à praça e as bancadas, janelas e varandas, telhados e carros, vão-se enchendo. Todos, de cima do curro, querem ver e acirrar os touros encerrados; e os que já os viram, descem para dar lugar aos outros. Encostado à parede de uma casa, o rabicho ao alto, está o forcão. O tamborileiro rufa.

Perto da hora, chegam as pessoas da família mais importante da aldeia, com os seus convidados, e tomam lugar num palanque, a meio da bancada central.

A mocidade participante, então, na praça, com canas de milho nas mãos, forma em duas filas, a pé, atrás dos dois mordomos empunhando a bandeira, a cavalo, de fato novo e luvas brancas, e com as montadas engalanadas. O cortejo, precedido pelo tamborileiro, abeira-se da bancada, e um dos mordomos, num curto discurso cerimonioso, solicita ao “dono da praça” licença para se realizar a *capeia*; esta pessoa responde, e o cortejo dá então duas voltas à praça, e os mordomos, sozinhos, mais uma terceira. Enfim, soa mais uma vez o tamboril, a gente que está na praça debanda, procurando locais protegidos, atrás das barreiras ou debaixo dos carros – os *burladeros* –; ficam na arena apenas os mais animosos: os *capinhas* espanhóis, e a mocidade, no centro do redondel, sustentando o forcão, de frente voltada para o curro.

Da porta deste anunciam então a saída do touro; e logo ela se abre, e o animal irrompe e arremete contra o forcão, marrando nas galhas, e perseguindo em seguida, desorientado, pela arena, os que o provocam com correrias, passando-lhe à frente, ao lado, ou por trás, gritando, dando-lhe pauladas, aguilhoando-o. O animal investe, os perseguidos fogem, saltando para os carros, refugiando-se nas barreiras.

Umaz vezes por outras os capinhas espanhóis entram em acção, e fazem os seus *passes* com mais ou menos perícia, merecendo não raro aplausos da assistência.

Chega então a vez de o forcão entrar em acção. Guiado pelo *rabicheiro*, que o ergue pelo *rabicho*, e conduzido pela gente nova que o leva seguro pelas duas pernas laterais, procura-se, rodando com ele, levantando-o ou abaixando-o, conforme as investidas do touro, mantê-lo com o pau frontal sempre voltado para este, que marra furiosamente contra as galhas, e assim impedi-lo de atingir as pessoas.» (Oliveira, Ernesto Veiga de, 1984, “Tourada em Forcalhos”, *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 266-267).

Actualmente a *Capectia Arraiana* constitui uma manifestação cultural que não colide com o respeito pelos direitos, liberdades e garantias e a compatibilidade com o direito internacional em matéria de defesa dos direitos humanos.

Apesar de existentes, os riscos de colhimentos e ferimentos para o homem não são muito significativos, dado que todos os touros são embolados e que esse risco é atenuado pelo manuseamento correcto do *Forcão*. Por outro lado, a dimensão de risco não pode ser separada da demonstração da destreza de cada homem e grupo que manuseia o *Forcão*, e é o conjunto de ambas que constitui o principal ingrediente de atracção da *Capectia*, quer para os que nela intervêm, quer para os que a ela assistem.

A *Capectia Arraiana* é assim hoje uma tradição compatível com o respeito pelos animais, pois consiste pura e simplesmente num jogo de força entre o animal e o homem que em nada agride os direitos daquele. Ao contrário do que sucede noutras manifestações tauromáquicas, na *Capectia* o homem não inflige qualquer tipo de ferimentos ao animal, e a lide com o forcão não implica qualquer sofrimento para o touro.

II. DOCUMENTAÇÃO:

10. Bibliografia:

- AA.VV., 1984, *À descoberta de Portugal*, Porto, Selecções do Reader's Digest.
- AFONSO, Virgílio, 1985, *Sabugal - Terras e Gentes*, Sabugal, Câmara Municipal do Sabugal.
- ANDRADE, Osório, 1993, *A Capeia Raiana – Um Repositório do inconsciente colectivo*, Guarda, INATEL.
- BOTELHO, Abel, 1898, “Uma Corrida de Toiros no Sabugal”, in *Mulheres da Beira*, Lisboa, Libânio & Cunha Editores. pp. 37-47.
- BRAGA, Franklim Costa, 1971, *Quadrazais – Etnografia e Linguagem* (Dissertação de licenciatura em Filologia Românica), Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes, 1995, “O espelho quebrado: *versus* e *reversus* nas tauromaquias populares”, *Mediterrâneo. Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrâneas*, Lisboa, n.º 5/6, Julho-Dezembro 1994 / Janeiro-Junho 1995, pp. 23-32.
- CORREIA, Joaquim Manuel, 1946, *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o concelho do Sabugal*, Lisboa, Edição da Federação dos Municípios da Beira-Serra.
- FREIRE, Manuel Leal, 1996, *Ribacôa em contra luz*, Sabugal, Câmara Municipal do Sabugal.
- GOMES, J. Pinharanda, 1979, *D. Tomaz Gomes de Almeida, Bispo de Angola e da Guarda (Obra Pastoral)*, in, *Memórias de Riba Coa e da Beira Serra -3-*, Braga, editora pax, p. 94)
- GOMES, José Manuel Lousa, 1985, *Memórias da minha terra*, Vila do Conde. Ed. do Autor.
- MANSO, Francisco, 2010, “Uma Capeia, Roubada, nos Fóios”, *Jornal Cinco Quinas*, Sabugal, Agosto, p. 18.
- MANSO, Norberto de Oliveira, 1994, *Soito. Desenvolvimento, evolução e mudança cultural* (Dissertação de Mestrado em Ciências Antropológicas, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, ISCSP.
- MANSO, Norberto de Oliveira, 2010, “Capeia Arraiana: Contributo para o seu Estudo”, *Jornal Cinco Quinas*, Sabugal, Agosto, p. 4.
- MARQUES, Carlos Alberto, 1995, *A Bacia Hidrográfica do Côa seguido de Algumas Notas Etnográficas de Riba-Côa*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- MARTINS, Joaquim Tenreira, 2008, *Viagens na minha infância. Lembranças romanescas*, Porto / Fóios, O Progresso da Foz / Côa-Águeda.

- MARTINS, José, 1958, *Drama Sob as Nuvens*, Tipografia Freitas Brito Ld.^a.
- MONTEMOR, Nuno de, 1939, *Maria Mim*, Lisboa, União Gráfica.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1984, “Tourada em Forcalhos”, *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 263-268.
- PISSARRA, António Pereira de Andrade, e GÓMEZ, Angel Hernández, 2003, *Terras do forcão*, Ed. dos Autores.
- RAMOS, Porfírio, 2009, *Memórias de Alfaiates e outras Terras Raianas*, Ed. do Autor.
- ROSA, Amílcar do Dino da, 2010, “Mordomos da Capeia nos últimos 50 anos”, *Folha Fojeira*, n.º 35, Fóios, Grupo Cultural e Desportivo de Foios, Agosto de 2010, PP. 6-8.
- SALADA, José João Alves, 1988, *A capeia raiana em terras do Sabugal*, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.
- SARAIVA, José António (Dir.), 1995, *Guia de Portugal*, Lisboa, Jornal Expresso.
- SERRA, Cameira, e VEIGA, Pires, 1989, *A Capeia. Um Jogo de Força*, Guarda, Associação de Jogos Tradicionais da Guarda.
- TAVARES, Adérito, 1969, *Monografia Etno-Histórico-Geográfica de Aldeia de Bispo (Sabugal)*, in “Jogos Florais”, Lisboa, Emissora Nacional de Radiodifusão.
- TAVARES, Adérito, 1985, *A capeia arraiana*, Ed. do Autor.
- TAVARES, Adérito, 1997, “As Capeias Arraianas”, in *Revista Tempo Livre*, n.º 69, Janeiro de 1997.
- TAVARES, Adérito, 2001, “A tauromaquia popular na raia do Sabugal”, in *Congresso do 7º Centenário do Foral – Sabugal. Actas*, Sabugal, Câmara Municipal do Sabugal, pp. 89-96.
- TAVARES, Adérito, 2001, “A Tauromaquia Popular na Raia do Sabugal”, in *Boletim Cultural*, Guarda, INATEL, Junho de 2001
- TEIXEIRA, Fernando, 1994, *O touro e o destino: a morte e ressurreição a las cinco en punto de la tarde*, Lisboa, Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões.
- TEIXEIRA, Fernando, 1995, “A corrida do forcão”, *Mediterrâneo. Revista de Estudos Pluridisciplinares sobre as Sociedades Mediterrânicas*, Lisboa, n.º 5/6, Julho-Dezembro 1994 / Janeiro-Junho 1995, pp. 23-32.
- VASCONCELLOS, J. Leite de, 1985, *Etnografia Portuguesa*, vol. IX, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 572.

Bibliografia acrescentada na “Revisão Ordinária da Inventariação da Cadeira Arraiana no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial”

- AMANTE, Maria de Fátima, *Fronteira e Identidade. Construção e Representação Identitárias na Raia Luso-Espanhola*, Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, ISCSP, 2007.
- CABANAS, António; TOMÉ, Joaquim, *Forção. Cadeira Arraiana*, ed. dos autores, 2011.
- CÂMARA Municipal do Sabugal, *Cadeira Arraiana – Sabugal, património cultural imaterial nacional*, ed. da CMS, 2014.
- CAPUCHA, Luís Manuel Antunes, “Touros e Touradas”, in *Portugal Moderno – Tradições – Enciclopédia Temática*, Lisboa: POMO, pp. 90-101, 1992.
- COSTA, Maria José Bernardo Ricárdio; PACHECO, Maria Aurora Bernardo Ricárdio, *Aldeia do Bispo. Princesa da Raia*, Guarda: ed. das autoras, 2003.
- COSTA, Paulo Ferreira, “Salvaguarda do Património Cultural Imaterial em Portugal (2007-2012): Enquadramentos, Paradigmas e Instrumentos Estratégicos”, in *O Ideário Patrimonial*, N.1, Dezembro de 2013, Instituto Politécnico de Tomar, pp. 49-55.
- ESTEVES, António Maria Manso, *Portugal na Raia Central, Memórias dum Povo das Altas Terras de Ribacôa*, ed. autor, 2014, pp.288-294
- FREIRE, Manuel Leal, *pátria, matria terra patrum*, Braga: editora Pax, pp.145-146, 1973.
- HENRIQUES, Bernardino, *Terra íntima (pequenas narrativas etnográficas)*, Fóios: Grupo Cultural e Desportivo dos Fóios, 2007.
- JORGE, Maria Ramajal, *A Cadeira*, ed. da autora, 1998.
- PATANA, Zé Manel, *Raia. Tempos d’Antigamente*, Castelo Branco: RVJ Editores, 2011.
- PATANA, Zé Manel, *Lageosa da raia e as suas Cadeiras*, Castelo Branco: RVJ Editores, 2013.
- PEREIRA, Luís Filipe Marques, *Tauromaquia, Identidade Cultural, Enquadramento Legal e Desenvolvimento*, (Dissertação de Mestrado), Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, (polic.), 2010.
- PRATA, José, *A Sociedade Humana – Mitos e Crenças. Sagrado e Profano em Aldeia da Ponte*, Amadora: ed. do autor, 2001.
- PRATA, José, *O Culto do espírito Santo, Os Cavaleiros da Ordem Militar do Templo e o Passeio dos Moços na Raia*, Amadora: ed. do autor, 2006.
- PRATA, José, *Marcos do Passado. Aldeia da Ponte – Terra do Ribacôa*, Amadora: ed. autor, 2001.

RIBEIRO, Carla B., CASTANHEIRA, Bruno Simões, “Danças com bois”, *Fugas / Público*, 17 de Agosto, pp.12-16, 2013.

SILVA, Sérgio Paulo, *Já caiu o pó sobre as giestas*, ed. Autor, 2006

TORRES, Jorge Morais, “A Capeia Arraiana, património único do concelho do Sabugal”, In JACINTO, Rui (coord.) – *Patrimónios, Territórios e Turismo Cultural. Recursos, Estratégias e Prática*. Guarda / Lisboa: Centro de Estudos Ibéricos / Âncora Editora, pp.185-209, 2012.

TORRES, Jorge Morais, A Capeia Arraiana na literatura e na ciência, in *Sabucale – Revista do Museu do Sabugal*, N.º 4, Sabugal+, pp. 129-136, 2012.

11. Fontes escritas:

Ver Anexo II/5 – Bibliografia / Fontes Escritas.

12. Fontes orais:

Por escassez de tempo, não foram efectuados registos das informações orais recolhidas no concelho para a elaboração da Ficha de Inventário. Contudo, estas informações revelaram-se importantes para o adequado preenchimento da ficha.

13. Fotografia:

Ver Anexo II/1 – Documentação fotográfica.

14. Filme:

NUNES, Pedro Sena, 2010, *Há Tourada na Aldeia* (BetaCam SP-HDV, Cor, 75', 16:9, som digital).

SIMON, Franz, OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, e PEREIRA, Benjamim, (1970) 2009, *Südwest-Europa, Portugal - Stierkampf in Forcalhos / Tourada em Forcalhos* (DVD, Cor, 23'30'', PAL, 4:3, Mono), Göttingen, Institut für den Wissenschaftlichen Film, Wissen un Medien gGmbH.

RAIAR, 2004, *Recordações de Aldeia do Bispo* (DVD), RAIAR – Associação de Aldeia do Bispo.

MORDOMOS NA SRA. DOS MILAGRES, 2003, *Aldeia do Bispo a Cantar e a Trabalhar* (CD), Editado pelos Mordomos na Sra. dos Milagres, Aldeia do Bispo.

RTP, Arquivo, 1984, *Capeia Arraiana*, (DVD, cor, 28'04'', Ref.ª 252003611) programa emitido em 26/08/1984, pela RTP)

SABUGAL, Câmara Municipal, 2010, *Turismo no Sabugal*, DVD, (Cor, 06'27'')

SABUGAL, Câmara Municipal, 2011, DVD, vídeo de divulgação da Capeia Arraiana (Cor, 10'27'')

SABUGAL, Câmara Municipal, 2016, Filme / documentário: *CAPEIA: Manifestação Tauromáquica Específica da Raia Sabugalense* (Cor, 48'04'') *

SABUGAL, Câmara Municipal, 2016, Filme / documentário: *Terras do Forcão – Ó Forcão Rapazes* (Cor, 23'01'') *

SABUGAL, Câmara Municipal, 2016, documentários:

Terras do Forcão – Aldeia da Ponte, (Cor, 15'16'') *

Terras do Forcão – Aldeia do Bispo, (Cor, 15'22'') *

Terras do Forcão – Aldeia Velha, (Cor, 18'55') *

Terras do Forcão – Alfaiates, (Cor, 18'46'') *

Terras do Forcão – Fóios, (Cor, 14'22'') *

Terras do Forcão – Forcalhos, (Cor, 19'08') *

Terras do Forcão – Lageosa, (Cor, 13'12'') *

Terras do Forcão – Nave, (Cor, 12'03'') *

Terras do Forcão – Ozendo, (Cor, 11'34'') *

Terras do Forcão – Quadrazais, (Cor, 15'19'') *

Terras do Forcão – Rebolosa, (Cor, 13'46'') *

Terras do Forcão – Soito, (Cor, 15'04'') *

Terras do Forcão – Vale de Espinho, (Cor, 13'17'') *

*** Os vídeos acima referidos são fornecidos em suporte digital, em Pen USB.**

15. Som:

Ver Documentação – Filme.

16. Outra documentação:

Ver Anexo II/1 – Documentação fotográfica.

Ver Anexo II/3 – Documentação cartográfica.

Ver Anexo II/4 – Documentação gráfica.

III. DIREITOS ASSOCIADOS

17. Tipo:

Os direitos colectivos de cada comunidade relativos à prática da respectiva *Capectia* são de carácter consuetudinário. Actualmente, e desde há várias décadas, esses direitos restringem-se à definição do modo específico como a tradição se realiza em cada comunidade e, em particular, dos grupos (*Mordomos*) e indivíduos responsáveis pela sua organização e que nela se encontram autorizados a participar.

Em tempos mais recuados, à prática da *Capectia* encontrava-se também associado o direito, de tipo consuetudinário, de cedência temporária dos touros e exclusivamente para a realização da *Capectia*, por compensação dos danos causados nos campos das comunidades da raia do Sabugal pelo gado das ganadarias do lado espanhol (vd. campo “Origem / Historial”).

18. Detentor:

São detentoras dos direitos colectivos relativos à prática da respectiva *Capectia* as comunidades das seguintes povoações do concelho do Sabugal: Aldeia da Ponte, Aldeia do Bispo, Aldeia Velha, Alfaiates, Fóios, Forcalhos, Lageosa, Nave, Ozendo, Quadrazais, Rebolosa, Soito, e Vale de Espinho.

IV. Património Associado

19. Património Cultural:

19.1. Móvel:

A especificidade da *Capeia Arraiana* enquanto tipo de manifestação tauromáquica resulta da lide do touro com um elemento material, o *Forcão*, elaborado localmente, sob a responsabilidade dos mordomos, apenas para uso nas *Capeias* dessa comunidade.

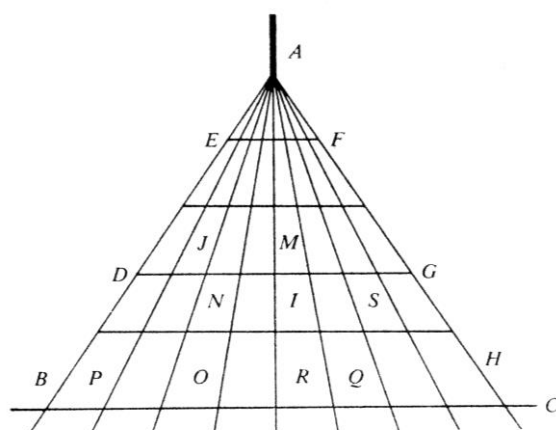
Para além dos elementos de fixação – pregos e cordas –, o *Forcão* é elaborado unicamente com madeira de espécies locais – carvalho e, eventualmente, apenas para a *galha*, pinho –, e a sua construção é transmitida dos homens mais velhos para os mais novos.

Actualmente, apesar de ser realizada com modernas ferramentas de carpintaria, a construção do *Forcão* – desde a escolha, o corte e o tempo de secagem das madeiras até ao molhar das cordas com água pouco antes de cada *Capeia* para manter as várias peças bem fixas –, obedece a um conjunto de conhecimentos e técnicas que se têm mantido ao longo do tempo, pelo menos nas últimas décadas, como é possível verificar pela documentação fotográfica que integra o presente Pedido de Inventário.

Apesar de, após a realização da *Capeia*, o *Forcão* ser conservado em cada comunidade, normalmente num pavilhão agrícola, e das rectificações que são realizadas em cada ano, antes de nova *Capeia*, para manter toda a estrutura sólida, acaba naturalmente por se degradar e ser substituído por um novo ao fim de alguns (dois ou três) anos.

De entre as referências da literatura etnográfica sobre o *Forcão* deverão ser destacadas as de José Leite de Vasconcelos e de Ernesto Veiga de Oliveira, que respectivamente se lhe referem assim:

“o forcão ou forçado [...]consiste no seguinte: Um triângulo de uns 5 metros altura formado de varas muito grossas e atravessado por outras menores da seguinte forma: Em A está o rabiador, um homem que dirige os movimentos do triângulo, segundo o ataque do touro. logares indicados pelas outras letras outros homens que sustentam o triângulo, uns por fora outros por dentro intervalos das varas. O touro vem na direcção da base, que está pouco mais menos à distância de um metro do chão.



de

isto é

Nos
estão

nos

ou
O

rabiador eleva ou abaixa o triângulo, auxiliado pelos outros homens conforme a direcção que o touro toma, e tenta assim impedir que o touro salte para cima do triângulo ou se meta por baixo, o que às vezes acontece, entre gritos e algazarra dos espectadores.” (VASCONCELLOS, J. Leite de, 1985, *Etnografia Portuguesa*, vol. IX, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 572);

“Com grande antecedência, a mocidade prepara o forcão, que constitui a verdadeira originalidade destas touradas: um enorme triângulo feito de três longas pernadas de carvalho, os lados medindo cerca de 5 m, e um longo pau atravessado na base, com cerca de 7,5 m, que ficam com as pontas e as extremidades salientes – as galhas –; um outro pau, perpendicular à base, a meio desta, e com cerca de 6 m, tem a ponta, no vértice formado pelos lados do triângulo, também saliente – o rabicho –, servindo de leme a um homem que, nessa ponta, o empunha – o rabicheiro – para conduzir a actuação do forcão.” (OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1984, “Tourada em Forcalhos”, *Festividades cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, pp. 263-268.).

19.2. Imóvel:

Tradicionalmente as *Capeias* realizam-se nas praças centrais das aldeias. Com o crescimento urbano, algumas freguesias criaram recintos fechados próprios para a realização da Capeia, e duas freguesias do concelho construíram mesmo praças de touros. É o caso de Aldeia da Ponte (praça construída pela Associação dos Amigos de Aldeia da Ponte), e do Soito (Casa da Juventude, Desporto, Cultura e Lazer do Soito, que inclui, presentemente uma escola de equitação e um picadeiro e uma Praça Municipal de Touros).

19.3. Imaterial:

Em grande parte das aldeias do Sabugal a *Capeia* é realizada em associação com a festa religiosa da comunidade, realizando-se normalmente no dia seguinte à festa (v. campo “Manifestações Associadas”).

20. Património Natural:

Não existe qualquer património natural associado à Capeia Arraiana.